



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS  
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL  
ÁREA: JORNALISMO

**DA REBELDIA À CARETICE  
A REVISTA *ROLLING STONE* PERDE O RUMO**

JULIANA PACHECO DA COSTA  
2062336/7

PROFESSOR ORIENTADOR:  
PAULO PANIAGO

Brasília/DF, 26 de novembro

JULIANA PACHECO DA COSTA

**DA REBELDIA À CARETICE**  
**A REVISTA *ROLLING STONE* PERDE O RUMO**

Monografia apresentada como um dos  
requisitos para conclusão do curso de  
Comunicação Social do UniCEUB –  
Centro Universitário de Brasília.

Prof. Orientador: Paulo Paniago

Brasília/DF, 26 de novembro

JULIANA PACHECO DA COSTA

**DA REBELDIA À CARETICE**  
**A REVISTA *ROLLING STONE* PERDE O RUMO**

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. Orientador: Paulo Paniago

Banca examinadora:

---

Prof. Paulo Paniago  
Orientador

---

Prof(a). Severino Francisco  
Examinador (a)

---

Prof(a). Cláudia Busato  
Examinadora

Brasília/DF, 26 de novembro

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me guiar pelos caminhos certos e por colocar pessoas tão especiais na minha vida.

Ao meu orientador, professor Paulo Paniago, por toda paciência e conhecimento dividido.

À toda minha família pelo apoio, carinho e incentivo. Cada um sabe a importância que tem na realização deste sonho.

Ao Gunter, pelo companheirismo e compreensão.

Aos meus amigos Karolina, Ataíde, Maíra e Paula, pela ajuda diária e pelos momentos de alegria ao longo destes quatro anos.

“The dream is over.  
What can I say?  
The dream is over.”

John Lennon – *God*, 1970

## RESUMO

Este trabalho mostra de forma sintética a história da revista norte-americana *Rolling Stone*. Para mostrar as mudanças que a revista sofreu ao longo dos anos, foi feita uma análise desde a criação dela, em 1967, em San Francisco, nos Estados Unidos, até os dias de hoje. A intenção é demonstrar que a revista *Rolling Stone*, que surgiu no alvoreço do movimento da contracultura e apresentou aos jovens da época artistas como The Beatles, Bob Dylan, Jimmy Hendrix e Janis Joplin, transformou-se em apenas mais uma publicação de entretenimento. Na década de 1980, a *Rolling Stone* passou por uma reformulação e famosos como John Travolta, Susan Sarandon, passaram a estampar a capa da revista. Para apresentar as mudanças sofridas pela *Rolling Stone*, foi utilizada como base a edição brasileira, lançada em 2006.

### **Palavras-chaves:**

*Rolling Stone*. Revista.

.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	I
1. ROLLING STONE: A PORTA-VOZ DA CONTRACULTURA.....	3
1.1 CONTRACULTURA.....	3
1.2 CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA <i>ROLLING STONE</i> .....	5
1.3 COLABORADORES QUE FIZERAM A DIFERENÇA NA <i>ROLLING STONE</i> .....	7
1.3.1 HUNTER THOMPSON: AVENTURAS NO JORNALISMO GONZO.....	7
1.3.2 LESTER BANGS: <i>BEATS</i> , CRÍTICAS, DROGAS E ROCK'N'ROLL.....	8
2. O FIM DA CONTRACULTURA E O INÍCIO DAS MUDANÇAS NA <i>ROLLING STONE</i> .....	10
2.1 MUDANÇAS.....	10
2.2 AS MUDANÇAS PODEM SER VISTAS NA <i>ROLLING STONE</i> BRASILEIRA.....	11
2.3 EM 1970, NO BRASIL, A <i>ROLLING STONE</i> TINHA OUTRO PERFIL.....	13
2.4 A EXPERIÊNCIA DE QUEM TRABALHOU NA <i>ROLLING STONE</i> .....	15
3. PROPAGANDAS X MATÉRIAS DE QUALIDADE.....	18
3.1 CAPITALISMO SOBRESSAI NAS EDIÇÕES DA <i>ROLLING STONE</i> .....	18
3.2 HOMENAGEM EQUIVOCADA.....	19
3.3 MATÉRIAS DE QUALIDADE.....	20
CONCLUSÃO.....	23
BIBLIOGRAFIA.....	24

## INTRODUÇÃO

Em meio a vários acontecimentos históricos como a Guerra do Vietnã, a construção do muro de Berlim e o escândalo de Watergate, que influenciaram a eclosão do movimento da contracultura, é criada em 1967, em San Francisco, nos Estados Unidos, a revista *Rolling Stone*.

Naquela época, artistas como The Beatles, Bob Dylan, Janis Joplin e The Who faziam sucesso entre os jovens revolucionários que lutavam principalmente contra o capitalismo selvagem e os padrões familiares, como o casamento e a virgindade. No entanto, estes artistas não tinham espaço nos grandes meios de comunicação. Jann Wenner, então com 20 anos, abandona a faculdade de Berkeley e decide criar, em parceria com Ralph Gleason, a *Rolling Stone*. A publicação abordava basicamente assuntos sobre o mundo *underground*, rock'n'roll e política. Tinha postura rebelde e consagrava a contracultura.

Em 1977, Jann Wenner resolveu levar a sede da *Rolling Stone* para Nova York. A intenção era se aproximar das agências de publicidade. A partir de então, iniciou-se o processo de mudanças na revista. Wenner tornou-se celebridade, passou a ser visto em festas importantes e chegou a estrelar um filme, *Perfect*, em 1985. A *Rolling Stone* deixou de tratar apenas sobre contracultura e o mundo *underground*. Jovens modelos, atrizes de cinema e artistas populares passaram a estampar a capa da publicação.

Com o passar dos anos, a *Rolling Stone* adotou o perfil de revista de entretenimento e virou referência em cultura pop. Apesar de ter autoridade quando o assunto é música, a revista aborda também temas como cinema, televisão, política e atualidades.

No primeiro capítulo deste trabalho são apresentados os acontecimentos marcantes das décadas de 1960 e 1970, que influenciaram o movimento da contracultura nos Estados Unidos e em outros países. Também é mostrada a criação e o desenvolvimento da revista *Rolling Stone*, assim como os colaboradores mais importantes e polêmicos: Hunter Thompson, o criador do jornalismo gonzo, e Lester Bangs, o ácido crítico de rock'n'roll.

Após o festival de Woodstock, nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1969, os ideais da contracultura aos poucos foram esquecidos. Como afirmou professor de jornalismo da Universidade Quinnipiac, em Connecticut, o norte-americano Rich Hanley, a geração de Woodstock saiu em busca de trabalho e o trabalho acabou com a diversão. A revista *Rolling Stone* seguiu no mesmo caminho e abandonou a linha de rebelde e contestadora. O processo de mudanças da revista é apresentado no capítulo dois. A edição brasileira, lançada em 2006,



é utilizada como base para comparações. Neste capítulo também é mostrado que a *Rolling Stone* foi veiculada no Brasil entre 1972 e 1973. Porém, devido a problemas com a matriz, que cobrava *royalties* atrasados, a revista deixou de ser publicada. O editor da época, Luiz Carlos Maciel, e o ilustrador Lapi decidiram continuar com a publicação, mas de forma ilegal, pois a *Rolling Stone* norte-americana não fornecia mais material para os brasileiros.

Profissionais consagrados como Ana Maria Bahiana, Ezequiel Neves e Jorge Mautner também trabalharam na *Rolling Stone* lançada no início da década de 1970 no Brasil.

Para finalizar, no último capítulo é apresentada a ambivalência da revista. Com o passar dos anos, a *Rolling Stone* assumiu o título de revista de entretenimento e demonstra através de propagandas e seções como ‘Consumo’, ‘Estilo’ e ‘*Rolling Stone Fashion Pages*’, que anulou os valores cultuados durante a contracultura. No entanto, o conteúdo da revista ainda tem qualidade. Há matérias importantes e bem elaboradas. Os repórteres têm espaço suficiente para escrever e ilustrar as matérias. Seções como ‘Conexão Brasilis’ e ‘Política Nacional’ têm destaque por abordar temas de grande interesse público.

A intenção deste trabalho é apresentar os fatos que marcaram e influenciaram o início da contracultura e principalmente a criação da revista *Rolling Stone*, em 1967. Mas também mostrar que ao longo destes 42 anos, a publicação passou por mudanças drásticas de perfil. Se antes combatia a sociedade de consumo, hoje incentiva a cultura pop e o capitalismo.

Por falta de bibliografia sobre a revista *Rolling Stone*, este trabalho foi basicamente escrito com fontes oriundas da internet. Foi feita uma pesquisa consistente a vários sites e *blogs* dedicados à cultura. A autora deste trabalho entrevistou também, por e-mail, o atual editor da *Rolling Stone* no Brasil, Pablo Miyazawa, e o jornalista Luiz Carlos Maciel, editor da revista na primeira versão lançada no Brasil, em 1972.

## **I. *Rolling Stone*: a porta-voz da contracultura**

### **I.1. Contracultura**

As décadas de 1960 e 1970 foram de grande efervescência política no mundo inteiro. Em 1957, começou a Era Espacial com o lançamento, pela União Soviética, do satélite *Sputnik I*. Dois anos depois os Estados Unidos criam a NASA. No ano seguinte, o líder negro Martin Luther King lidera o movimento anti-segregacionista, que forçou a aprovação de leis que garantiram aos negros o direito de voto. No mesmo ano, John Kennedy é eleito presidente dos Estados Unidos pelo Partido Democrático. Em 1961, Fidel Castro, líder da esquerda cubana, anuncia a adesão ao marxismo leninista. Os Estados Unidos intervêm na Guerra do Vietnã ao enviar armas e soldados para combater os vietcongues. No mesmo ano é construído o muro de Berlim, que separou Alemanha Oriental e Ocidental.

Ainda na década de 1960, acontece a independência de Argélia, Nigéria, Quênia e Rodésia, atualmente Zimbábue; o assassinato do presidente Kennedy, do revolucionário Che Guevara e do líder Martin Luther King. Também são desencadeados golpes militares em vários países, entre eles Argélia, Grécia, Bolívia, Argentina e Brasil. Na mesma época foi criada a Organização para Libertação da Palestina, OLP, por lideranças árabes. A Revolução Cultural na China ocorre a partir de uma radicalização do comunismo com perseguições políticas, prisões e milhares de mortes. Indira Gandhi torna-se primeira-ministra da Índia. Neil Armstrong é o primeiro homem a pisar na Lua, em 1969.

No início da década de 1970, Idi Amin toma o poder em Uganda, na África, por meio de um golpe sangrento. A Guerra do Vietnã termina oficialmente em 1973 e deixa milhares de mortos. No entanto, vietcongues e vietnamitas continuam a lutar numa guerra civil. Salvador Allende, então presidente do Chile, é deposto, inicia-se assim a ditadura de Augusto Pinochet. Em 1974, a Revolução dos Cravos põe fim aos 48 anos de ditadura salazarista em Portugal. Richard Nixon, duas vezes eleito presidente dos Estados Unidos, renuncia após a eclosão do escândalo Watergate, uma tentativa de espionagem, por partidários de Nixon, na sede nacional do partido democrata, no edifício de Watergate, em Washington, com comprovado envolvimento do presidente. Começa, em 1975, o processo

de redemocratização espanhola após a morte do general Franco, que esteve no poder de 1935 a 1974.

O xá Reza Pahlevi, do Irã, é destituído do poder e o líder fundamentalista aiatolá Khomeini instaura a república islâmica. Os sandinistas depõem Anastásio Somoza e tomam o poder na Nicarágua. Começa a guerra civil em El Salvador. Margareth Thatcher torna-se primeira-ministra da Inglaterra pelo partido Conservador.

A invenção da pílula anticoncepcional, a Guerra Fria, o discurso de Timothy Leary<sup>1</sup>, no qual pregava os benefícios do ácido lisérgico, LSD, o início do Pop Art nos Estados Unidos e o movimento feminista também foram alguns dos eventos que marcaram a época.

Com todos esses acontecimentos era possível notar uma inquietação na cultura. No convulsionado mundo pós-guerra, com muitas crises a serem resolvidas, o descontentamento, principalmente entre os jovens, era crescente. Era possível perceber que um novo movimento cultural estava prestes a surgir: a contracultura.

Herbert Marcuse<sup>2</sup> e Norman Brown<sup>3</sup> são os primeiros filósofos de um movimento que abalaria o mundo. Em 1954, Marcuse publica *One Dimension Man*, e dois anos depois, *Eros e civilização: uma interpretação filosófica*. Em 1959, foi a vez de Norman Brown lançar *Life Against Death: The Psychanalytical Meaning of History*, uma junção de investigação social e psicanálise. Nos trabalhos de ambos os pensadores, questionavam-se a gênese e o sentido dos fenômenos da repressão, alienação e dominação na sociedade industrial.

É a década da *beat generation*<sup>4</sup> e os padrões vigentes passam a ser fortemente criticados. Havia uma juventude transviada em curso; o rock'n'roll surge com nomes como Jerry Lee Lewis, Chuck Berry, Little Richard e Bill Haley. Gangues de motoqueiros passam a fazer sucesso, Elvis Presley lança um rebolado que revolucionaria os padrões de apresentação de um cantor; James Dean participa do primeiro curta-metragem. A *beat generation*, que teve início nos anos de 1950, era formada por escritores subversivos. Traziam a revolução cultural com temáticas muitas vezes obscenas e rebeldes, cuja mensagem principal era a não-conformidade e a criatividade espontânea.

Em 1958, o romancista norte-americano Norman Mailer anuncia, no artigo *The White Negro: Superficial Reflections on the Hipster*, o fenômeno dos *beatniks*: os *hipsters*, que se

---

<sup>1</sup> (1920 – 1996) escritor norte-americano, psicólogo e famoso militante pelo uso de drogas. Em 1963, perdeu o cargo de professor de Psicologia Clínica na Universidade de Harvard por conta dos discursos em defesa das drogas.

<sup>2</sup> (1898 – 1979) sociólogo e filósofo alemão naturalizado norte-americano. Pertence à Escola de Frankfurt.

<sup>3</sup> (1913 – 2002) filósofo e pensador norte-americano influente nas décadas de 1960 e 1970.

<sup>4</sup> Primeiro movimento da contracultura, com forte importância histórica e cultural, surgido nos Estados Unidos.

opunham aos *squares*<sup>5</sup>. Os *hipsters* combatiam os conformistas facilmente manipuláveis pelo sistema. Para Norman Mailer, os *hipsters* estavam acima dos *beatniks*, na escala de transgressão social, pois se propunham a existir sem raízes e se desligarem da sociedade tal como ela era estabelecida.

Toda essa revolta explode no início da década de 1960, o período que a imprensa norte-americana denomina de contracultura para designar as novas manifestações culturais surgidas no mundo, que se opunham à cultura vigente e às instituições sociais.

A contracultura defende a busca do prazer e da liberdade, condena a guerra, a sociedade de consumo, o capitalismo selvagem, os padrões familiares ‘quadrados’, as convenções sociais, como a virgindade e o casamento. As palavras de ordem são ‘Peace and Love’, ‘Flower Power’, ‘Paradise Now’. O movimento *hippie* foi a principal expressão da contracultura. Negar o slogan norte-americano ‘The American Way of Life’, veemente cultuado quando surgiu em 1920, foi marcante na história. Os jovens passaram a se vestir com trajes coloridos, usar colares, pulseiras e brincos coloridos, deixar o cabelo e a barba crescer e decidiram viver em comunidades rurais. Viviam de artesanato e, no campo, da horta. Não mantinham as regras esperadas de comportamento e higiene.

## **1.2. Criação e desenvolvimento da *Rolling Stone***

A música teve papel fundamental na consolidação dos novos valores pregados pela contracultura. Na linha do rock’n’roll, os ingleses John Lennon e Paul McCartney fundaram o grupo The Beatles, formado também por George Harisson e Ringo Star. Em 1964, tornaram-se famosos nos Estados Unidos e no mundo. Um pouco antes, em 1960, um jovem de apenas 19 anos troca Minnesota, Estados Unidos, por Nova York. Cantor de música *folk*, Bob Dylan fica famoso por misturar rock com *folk*. No mesmo ano surge também The Rolling Stones, uma banda mais agressiva e rebelde.

Além destes, muitos outros grupos e cantores foram importantes neste período, entre eles: Led Zeppelin, The Animals, The Who, Deep Purple, Joe Cocker e Joan Baez.

No ano de 1967, Jann Wenner, um jovem de vinte anos, abandona a Universidade de Berkeley e funda, em parceria com Ralph Gleason, aquela que viria ser a bíblia da contracultura: a revista *Rolling Stone*. A publicação surgiu em San Francisco, local em que a cena musical era crescente, porém não recebia atenção dos grandes meios de comunicação.

---

<sup>5</sup> Significa ‘quadrados’ e foi utilizada como gíria entre os jovens da época para designar as pessoas consideradas conservadoras.

De acordo com Jann Wenner, a intenção inicial era cobrir o rock'n'roll de uma forma diferente e inteligente e isso não envolvia apenas música, mas política também.

A primeira edição, impressa em preto e branco em papel de jornal, já evidenciava a junção entre cultura e política que iria definir a revista. A capa trazia uma foto promocional do filme anti-guerra *How I Won the War*, de Richard Lester, no qual John Lennon aparecia vestido como soldado. Jann Wenner escreveu em um artigo de aniversário da revista que esta primeira capa, publicada no dia 9 de novembro de 1967, mostrava claramente os caminhos culturais e políticos que definiram o padrão da *Rolling Stone*.

A *Rolling Stone* foi a segunda revista de crítica de rock nos Estados Unidos. A primeira foi *Crawdaddy!*, criada em 1966, e uma das primeiras do mundo.

Os dez primeiros números da publicação trouxeram na capa: John Lennon, Tina Turner, The Beatles, Donovan, Jimi Hendrix e Otis Redding, os três juntos, Jim Morrison, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Festival de Monterey, John Lennon e Paul McCartney, também juntos, e Eric Clapton. Na oitava edição, a *Rolling Stone* deixou o formato de jornal e passou a ser de fato uma revista. Com isso, a escolha da foto da capa ganhou ainda mais atenção. Em novembro de 1968, a edição de aniversário revolucionou ao colocar na capa uma foto de John Lennon e Yoko Ono nus. Até então, a nudez de famosos não havia sido explorada dessa forma.

Aparecer na capa da revista *Rolling Stone* era um grande marco na carreira de muitos artistas na década de 1970. A banda Dr. Hook and the Medicine Show, compôs uma música intitulada *Cover of the Rolling Stone*, que virou um grande sucesso. A banda então teve o sonho realizado e estampou a capa da revista em março de 1973.

Em 1970, o músico John Lennon declarou à *Rolling Stone* que o sonho havia acabado. Ele não se referiu apenas aos Beatles, mas também ao fim da contracultura. Os hippies de Woodstock queriam mudar o mundo com flores, drogas, paz e amor, mas acabaram sendo transformados e o mesmo aconteceu com a *Rolling Stone*. Após o festival de Woodstock, realizado nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1969, no qual a revista fez grande cobertura, a *Rolling Stone* deixou de ser apenas a porta-voz da contracultura e tornou-se uma das mais importantes revistas de música no mundo.

Para ficar mais próxima das agências de propaganda, a *Rolling Stone* mudou-se para Nova York em 1977 e passou a tratar mais do universo das celebridades. Nessa época, iniciou-se uma pequena reformulação na revista, o que causou estranheza e críticas de alguns leitores. Mas as mudanças radicais começaram no início da década de 2000. Para encarar

uma competição com as revistas masculinas, como a *For Him Magazine*, *FHM*, Jann Wenner contratou o editor Ed Needham, ex-editor da *FHM*, e reinventou o padrão da *Rolling Stone*. A revista começou a focar em jovens sexys, atores e cantores de *pop*. Artistas como Eddie Murphy, Susan Sarandon, Goldie Hawn, Richard Gere e John Travolta passaram a ser capa da revista.

Apesar de fazer uma mistura de conteúdos, abordando sempre temas relacionados à política e à cultura, o foco da *Rolling Stone* sempre foi a música e em 2003 passou a publicar uma série de listas para reconhecer trabalhos importantes na história da música. Em 2003 lançou “Os cem melhores guitarristas de todos os tempos” e os “500 melhores álbuns”. No ano seguinte publicou “Os 50 momentos que mudaram a história do rock’n’roll” e “As 500 melhores canções de todos os tempos”. A revista publicou também “Os imortais da *Rolling Stone*” e a lista de “100 melhores artistas do nosso tempo”.

Em 2006, a *Rolling Stone* comemorou a edição número mil. A capa, que foi influenciada pela capa do disco dos Beatles, *Sgt. Pepper’s Lonely Heart Club Band*, mostrava algumas das celebridades que já haviam estampado a revista. Entre eles Beatles, Tina Turner, Jimi Hendrix e Bob Dylan.

### **1.3. Colaboradores que fizeram a diferença na *Rolling Stone***

#### **1.3.1. Hunter Thompson: aventuras no jornalismo gonzo**

Grandes nomes do jornalismo passaram pela *Rolling Stone*, entre eles Hunter Thompson e Lester Bangs. Contratado em 1970, Hunter Thompson, considerado o pai do jornalismo gonzo, escreveu matérias impressionantes para *Rolling Stone*. O artigo de estreia na revista foi sobre a campanha dele para se eleger xerife da cidade de Aspen, no Colorado, famosa pelas pistas de esqui e frequentada pelos ricos e famosos. Thompson concorreu pelo partido *Freak Part* e entre as propostas estava a descriminalização do uso de drogas na cidade e a transformação de todas as ruas da cidade em ciclovias. Mesmo com propostas absurdas, impressionantemente, ele perdeu a eleição por poucos votos.

Em 1971, Thompson publicou uma série de artigos na *Rolling Stone*, que lhe rendeu o livro mais famoso de sua carreira: *Medo e delírio em Las Vegas: uma jornada selvagem ao coração do sonho americano*. Tratava-se de uma narrativa em primeira pessoa de seu alter ego, Raoul Duke, que viaja até a famosa cidade do jogo para cobrir uma corrida de *motocross* e uma convenção de promotores públicos sobre drogas, em companhia do bizarro advogado samoano Dr. Gonzo, inspirado no advogado mexicano Oscar Zeta Acosta. Antes da viagem,

os dois encheram o porta malas de um carro vermelho com os mais diversos tipos de drogas. Entre elas maconha, cocaína, LSD, éter e mescalina. O resultado foi uma busca esotérica do Sonho Americano, e o livro, ilustrado por Ralph Steadman, se tornou o maior sucesso de Hunter Thompson.

No ano seguinte, cobriu as eleições presidenciais americanas entre o democrata George McGovern e o presidente republicano Richard Nixon. As críticas ácidas aos oponentes de McGovern, que se tornou seu amigo dentro do Partido Democrata, e principalmente ao presidente Nixon tornaram o livro *Fear and Loathing on the Campaign Trail 1972* um clássico da sátira política.

Hunter Thompson tornou-se recluso e no início da década de 1990 passou a escrever esporadicamente para *Rolling Stone*. Em 20 de fevereiro de 2005, suicidou-se com um tiro de espigarda na cabeça.

### **1.3.2. Lester Bangs: *beats*, críticas, drogas e *rock'n roll***

Leslie Conway Bangs nasceu na Califórnia, em 1948, e é considerado até hoje um dos maiores críticos de rock do mundo. O trabalho de Lester Bangs é definido como uma mistura de jornalismo gonzo com novo jornalismo. Foi contratado pela *Rolling Stone* em 1969 e contribuiu com a revista até 1973, quando foi demitido devido às duras críticas feitas às grandes bandas de rock.

Envolvido diretamente com a cena, Bangs procurava projetar sobre si uma aura radicalmente distinta daqueles com quem tinha contato. Seja na entrevista com os precursores da música eletrônica do *Kraftwerk*<sup>6</sup>, seja no desconcertante encontro com seu herói e anti-herói Lou Reed, Lester Bangs atacava com acidez, sarcasmo e acima de tudo desconfiança, ao fazer o papel de entrevistador um verdadeiro mártir diante da hipocrisia roqueira.

A influência dos *beats* na vida e no trabalho de Lester Bangs foi muito forte. Para se reinventar ao modelo dos *beats*, Bangs adotou postura de poeta de subúrbio. Deixou o cabelo crescer, começou a beber o que encontrasse para ficar bêbado e iniciou um longo vício de xaropes para tosse. Para assumir um visual de escritor, Lester começou a fumar cigarros e cachimbos e a usar blusas de lã com ternos surrados.

---

<sup>6</sup> Grupo musical alemão que inventou um estilo de música *techno* totalmente feita e tocada por meio de sintetizadores, o que tornou a música eletrônica mais acessível ao grande público.

Lester Bangs tinha verdadeira obsessão por Jack Kerouac, William S. Burroughs, e Charles Bukowski. Na música, idolatrava o grupo Velvet Underground, com seu líder Lou Reed. Para Lester Bangs, eles viam o rock como arte e incorporavam elementos da tradição literária dos *beats* em suas letras. Lou Reed é famoso por letras bem escritas e que podem ser lidas como texto, sem a melodia. A obsessão de Lester pela personalidade de Lou Reed pode explicar um pouco a sua maneira de escrever, na qual vida e obra se mesclam.

Após deixar a *Rolling Stone*, Lester Bangs passou a colaborar com *Village Voice*, *NME* e *Playboy*. Mas ao trabalhar como editor na *Creem*, em Detroit, que se sentiu mais à vontade, pois tinha total liberdade para escrever textos polêmicos, intrigantes e geniais. Não poupava ninguém. Curou-se do alcoolismo em 1982 para escrever sério, de acordo com ele. Ironicamente, morreu semanas depois, acidentalmente, por overdose de medicamentos.



## **2. O fim da contracultura e o início das mudanças na *Rolling Stone***

### **2.1. Mudanças**

O apogeu do movimento da contracultura ocorreu no Festival de Woodstock, quando cerca de 500 mil jovens reuniram-se para um encontro de massas para celebrar o rock e manifestar-se pela paz. No entanto, para alguns, como o professor de jornalismo da Universidade Quinnipiac, em Connecticut, o norte-americano Rich Hanley, o festival de Woodstock marcou o fim da contracultura. Em uma entrevista ao jornalista Sebastian Smith, da France Presse, ele afirmou que “em 1971, tudo já havia terminado. As manifestações acabaram. A geração de Woodstock saiu em busca de trabalho e o trabalho acabou com a diversão”<sup>7</sup>.

Os jovens da contracultura queriam mudar o estilo de se viver, a forma de pensar, mas acabaram transformados pelo mundo. Essa mudança também aconteceu na *Rolling Stone*, ela deixou de ser a porta-voz da contracultura.

Quando se mudou para Nova York, Jann Wenner virou uma grande celebridade e passou a ser notícia em várias revistas e jornais. Ele se tornou o grande empresário que sempre quis ser. Após o crescimento surpreendente da revista, passou a ser visto em festas com Jackie e Caroline Kennedy, nas convenções do partido dos Democratas e chegou a estrelar filmes. Em 1985, participou com John Travolta e Jamie Lee Curtis no filme *Perfect*, no qual interpretava a si mesmo.

Jann Wenner sempre teve fama de rígido e oportunista, parte dessa personalidade pode ser explicada com a difícil infância que teve. Os pais nunca tiveram tempo para ele e aos 12 anos foi mandado para Escola de Chadwick, um orfanato para crianças ricas ao sul de Los Angeles. Pouco tempo depois, os pais se separaram e nenhum dos dois aceitou ficar com Jann Wenner. Ele então decidiu seguir o próprio caminho, sozinho.

Antes de lançar a revista *Rolling Stone*, Jann Wenner teve outros empreendimentos frustrados e no alvoroço da contracultura, o aspirante a empresário percebeu que uma nova ordem social surgia e que a música era a grande ferramenta dessa nova mentalidade, surgiu então a idéia de criar a *Rolling Stone*, uma revista com conteúdo sobre música e que daria espaço para artistas que faziam sucesso, mas não tinham o apoio dos grandes meios de comunicação. Atualmente, além da *Rolling Stone*, Jann Wenner é dono das revistas *US*, que

---

<sup>7</sup> Sebastian Smith. Disponível em <[www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)> Acesso em 20. 09. 09.

aborda assuntos sobre celebridades, séries de televisão e cinema, e *Men's Journal*, direcionada para o público masculino.

Apesar do sucesso nos negócios, Jann Wenner sempre foi notícia de alguma forma, a vida pessoal é cheia de polêmicas. Ele passou por vários problemas por conta do uso excessivo de cocaína e álcool e, em 1995, após muitos rumores, separou-se da esposa Jane Schindleheim Wenner, co-fundadora da *Rolling Stone*, e revelou ser homossexual ao assumir o namoro com o designer de roupas Matt Nye.

Devido à concorrência, com o passar dos anos a *Rolling Stone* perdeu completamente o perfil de rebelde, contestadora e revolucionária. Na década de 1980, o que se viu foi uma invasão da música pop, modelos sensuais e jovens bonitos e bem arrumados. Artistas como a desorientada Britney Spears, a excêntrica Lady Gaga e os três irmãos que usam anel de castidade Jonas Brothers passaram a estampar a capa da revista. Para ajudá-lo nesta mudança, Jann Wenner contratou o editor Ed Needham, que trabalhou anteriormente na revista *For Him Magazine*, *FHM*, uma publicação que geralmente traz modelos na capa, entrevistas com jovens celebridades e matérias sobre sexo.

## **2.2. As mudanças podem ser vistas na edição da *Rolling Stone* brasileira**

Em outubro de 2006 foi lançada pela editora *Spring* a versão brasileira da revista *Rolling Stone*. Na capa da primeira edição estava Gisele Bündchen, umas das modelos mais conhecidas atualmente. Apesar de ser uma celebridade, com trabalho reconhecido no Brasil e no mundo inteiro, soa no mínimo estranho ver na capa de uma revista com conteúdo sobre música uma *top model*. Fernanda Lima, Marisa Monte, NX Zero, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Ivete Sangalo e Fausto Silva são outros famosos brasileiros que estamparam a *Rolling Stone*.

No primeiro número, a revista publicou uma matéria escrita por Antônio Amaral sobre a primeira passagem da *Rolling Stone* pelo Brasil, na década de 1970. Além de uma mostra de 16 capas da edição norte-americana – Elvis Presley, Bill Clinton e Johnny Deep fizeram parte da galeria – a revista expôs o crime organizado do PCC e as polêmicas dos políticos eleitos naquele ano. No quesito música, apresentou um diário do grupo Cansei de Ser Sexy, uma entrevista com Bob Dylan e novidades no rock nacional e na internet. Além de uma matéria especial com Gisele Bündchen, que foi capa, e outra com Jack Nicholson.

No Brasil, a revista manteve o padrão da norte-americana. O tamanho e o formato são os mesmos, as fontes e a diagramação também não mudaram. Nos Estados Unidos, a

revista é quinzenal; no Brasil, mensal. De acordo com um dos editores da revista, Pablo Miyazawa, a edição brasileira pode ter no máximo 50% do conteúdo traduzido da norte-americana, mas as escolhas editoriais são feitas pela equipe brasileira. Pablo Miyazawa afirma que a matriz norte-americana não tem influência neste sentido. “Depende do que eles estiverem apresentando na revista lá de fora – se for conveniente para publicarmos aqui, assim o faremos”<sup>8</sup>, explica ele. A equipe, que tem sede em São Paulo, é relativamente pequena, são quatro pessoas na área de texto, quatro na arte, mais duas na produção. Tem também mais 15 pessoas na área de marketing e comercial e pouco mais de 50 colaboradores em todo país.

Um dos destaques da versão brasileira é a seção ‘Conexão Brasília’, que tem como objetivo mostrar a realidade de lugares praticamente remotos e muitas vezes esquecidos, como comunidades ribeirinhas do interior da Amazônia. O foco das matérias é sempre a região Norte do Brasil e os países que fazem fronteira. A ideia é mostrar as belezas da região, as riquezas culturais das comunidades e também os problemas sofridos por quem mora em locais afastados e quase inacessíveis.

A edição de fevereiro de 2009, número 29, trouxe uma matéria intrigante sobre o alucinógeno Santo Daime, mais precisamente sobre a luta para torná-lo, assim como os rituais em torno dele, patrimônios imateriais da cultura brasileira. O jornalista Maurício Monteiro viajou até Brasileia, no interior do Acre, para conhecer de perto comunidades que seguem as tradições ayahuasqueiras, ou seja, as que bebem o Santo Daime, líquido de cor terrosa e gosto amargo, conhecida também como ayahuasca. A intenção da matéria era simplesmente apresentar o Santo Daime, símbolo de algumas comunidades da região Norte, para o restante do Brasil.

Em uma outra matéria, na edição de abril de 2009, Mônica Trindade Canejo apresentou ao restante do país a Vila Tessalônica, uma comunidade a seis horas do centro da cidade de Afuá, na região do Arquipélago do Marajó, no Pará. Os moradores da comunidade vivem no meio de um sítio arqueológico. A reportagem mostra, no entanto, a necessidade de se preservar os sítios arqueológicos da Amazônia, pois de acordo com os dados, 90% deles ainda não foram visitados por arqueólogos e não foram registrados pelo Iphan.

Com matérias grandes, algumas com até seis páginas, e bem trabalhadas, a seção é uma das mais lidas e comentadas da revista. Por tratar de assuntos distantes da realidade de

---

<sup>8</sup> Em entrevista cedida por e-mail para a autora deste trabalho.

quem mora em grande capitais, as matérias da seção ‘Conexão Brasília’ chamam atenção, mesmo que o tema não seja música.

Política é outro ponto positivo da revista, a seção ‘Política Nacional’ levanta o assunto de forma leve e muitas vezes engraçado. Em fevereiro deste ano, a seção trouxe uma matéria sobre política na internet. Apesar de o tema ter sido mostrado por outras revistas e jornais, a *Rolling Stone* abordou de uma maneira simples. Na matéria de Carol Pires, foram mostrados dados como um estudo da jornalista Isabela Tavares, realizado na Universidade do Legislativo, Unilegis, em que mostra 1.780 comunidades do Orkut que fazem referências aos parlamentares brasileiros. No total de 594 políticos – 513 deputados federais e 81 senadores – 447 têm comunidades a eles dedicadas, muitas delas com conteúdo ofensivo.

No entanto, curiosamente, dos 513 deputados federais, 217, ou seja 42,3% do total, possuem comunidades com declarações de apoio ao trabalho deles e contra as denúncias apresentadas a estes políticos. A matéria comenta também sobre os *blogs* de alguns políticos e ex-políticos, como ex-deputado federal, cassado em, 2005, José Dirceu e até mesmo uma eleição na qual Antônio Carlos Magalhães Neto foi eleito um dos parlamentares mais bonitos e elegantes do Congresso Nacional. De forma descontraída, a matéria levanta a discussão sobre o uso da internet para fins políticos.

Mesmo apresentando artistas de renome como Rita Lee, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Raul Seixas é possível perceber na versão brasileira as mudanças feitas no início da década de 1980 na linha editorial da revista. Ao colocar na capa a cantora de axé Ivete Sangalo, a ex-participante do programa *Big Brother Brasil* Graziela Massafera, a atriz e apresentadora Fernanda Lima e os jovens chamados de emos da banda NX Zero só é possível relembrar a velha *Rolling Stone* ao se ler matérias e entrevistas da seção ‘Arquivo da RS’.

### **2.3. Em 1970, no Brasil, a *Rolling Stone* tinha um outro perfil**

No final de 1971 o físico nuclear inglês Mick Killingbeck, que veio para o Brasil a trabalho, decidiu adquirir os direitos da *Rolling Stone* para publicá-la no Brasil devido à grande paixão pelo rock’n’roll. Após sondar o mercado, escolheu Luiz Carlos Maciel para editar a revista.

Formado em Filosofia pela Universidade do Rio Grande do Sul, o porto-alegrense Luiz Carlos Maciel ficou conhecido anos mais tarde como o “guru da contracultura”.

Ganhou bolsas de estudos na Escola de Teatro da Universidade da Bahia, em 1959, e no ano seguinte no Carnegie Institute of Technology, em Pittsburgh, nos Estados Unidos, onde estudou direção teatral e dramaturgia durante 18 meses. Ainda na Bahia, conheceu artistas famosos como Glauber Rocha, João Ubaldo Ribeiro e Caetano Veloso. Dirigiu várias peças teatrais e chegou a protagonizar um filme de Glauber Rocha, *A cruz na praça*. Em 1964 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde lecionou no Conservatório Dramático Nacional e trabalhou em jornais locais, entre eles, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, e na revista *Fatos e Fotos*.

Luiz Carlos Maciel foi um dos fundadores do jornal *O Pasquim*, em 1969, onde editava duas páginas dedicadas ao mundo *underground*, foi quando recebeu o apelido de guru da contracultura. Em 1971, decidiu se aprofundar nas ideias contraculturais, assumindo-se como *hippie*. Morou em comunidades *hippies*, na praia, e, por fim, na roça, pois, de acordo com ele, era um homem alternativo, porém urbano.

Por conta do grande interesse pela contracultura e rock'n'roll Luiz Carlos Maciel foi convidado para trabalhar na *Rolling Stone* brasileira. A primeira edição da revista saiu em janeiro de 1972, contendo uma longa matéria de Luiz Carlos Maciel sobre a vinda do grupo de rock Santana ao Brasil, Gal Costa na capa com uma crítica de Mick Killinbeck ao show FA-TAL dela, uma saudação à volta de Caetano Veloso ao Rio de Janeiro com uma poesia de Maciel, uma matéria sobre a onda do *New Religion* em San Francisco, Estados Unidos, e uma entrevista com Jorge Mautner, considerado primeiro *beatnik* brasileiro com a obra *Deus da chuva e da morte*, um livro lançado em 1962 que retratava o movimento *beat*, o rock'n'roll e a contracultura. Em 1963, lançou o *Kaos* e dois anos depois, *Narcísio em tarde cinza*, que completou a trilogia.

Entre janeiro de 1972 e cinco de janeiro de 1973 foram publicadas trinta e seis edições. Nesse período a revista trouxe assuntos do mundo *underground*: comportamento, lançamentos de discos, concertos, bandas novas, teatro, literatura e cinema.

A revista fez uma grande cobertura sobre a cena musical da época. Desde Gal Costa, com o disco *A todo vapor*, ao lançamento de um encontro antológico registrado ao vivo: Chico Buarque e Caetano Veloso juntos. Em um editorial de fim de ano da revista dizia que “1972 acabou sendo um ano de total redenção para a música brasileira”<sup>9</sup>.

A partir da edição de número 34, a *Rolling Stone* norte-americana passou a cobrar *royalties* que nunca foram pagos e deixou de mandar materiais como fotos e textos, que eram enviados quinzenalmente. Com isso, Luiz Carlos Maciel decidiu roubar o material que

---

<sup>9</sup> Antônio do Amaral Rocha. Disponível em <[www.rollingstone.com.br](http://www.rollingstone.com.br)> Acesso em 15. 09. 09.

saía na versão norte-americana, pois de acordo com ele, a equipe acreditava na propriedade coletiva de tudo, já que eram alternativos. Por ideia do ilustrador e editor de arte, Lapi, a palavra ‘pirata’ foi incluída abaixo do logotipo da revista. Para eles, a pirataria era um valor positivo na contracultura, nada era de ninguém.

Na última edição da revista, publicada no dia cinco de janeiro de 1973, os editores pediam paciência aos leitores, como dizia a nota *Rolling Rolando*: “Mais uma vez fomos obrigados a mudar o dia de saída da *Rolling Stone* nas bancas. Vamos ver se dá pra segurar. Se não der, vocês – *please, please* – segurem por nós mais uma vez”<sup>10</sup>. No mesmo número, um comunicado da gravadora *Phonogram*, assinado por André Midani, dizia: “Declaramos que temos o maior interesse em que o trabalho desenvolvido pela revista *Rolling Stone*, no ano de 1972, prossiga com a mesma ênfase durante o ano de 1973. Sendo a única revista especializada na *rock music* e na *pop music*, consideramos indispensável que as companhias gravadoras e as indústrias eletrônicas dêem o devido apoio a esse empreendimento”<sup>11</sup>. No entanto, não houve apoio e a revista fechou em 1973.

#### **2.4. A experiência de quem trabalhou na *Rolling Stone***

Luiz Carlos Maciel relembra com saudosismo o tempo em que trabalhou na revista *Rolling Stone*, editada no Brasil entre 1971 e 1973. “Ser editor de uma revista era um sonho meu que realizei. Acho até que tinha jeito para coisa e lamento que não tenha tido a oportunidade de repetir a dose. Foi uma das melhores e mais úteis experiências, um dos períodos mais felizes da minha vida”<sup>12</sup>, diz Maciel.

Foi realmente uma época marcante, tanto para ele quanto para os outros integrantes da equipe. Ana Maria Bahiana, jornalista e crítica de cinema, que começou a carreira jornalística como estagiária da revista *Rolling Stone*, descreve a redação como um lugar maravilhoso: “Ficava no segundo andar de um sobrado cor-de-rosa na esquina de Visconde de Caravelas com Conde de Irajá. Das janelas da redação, via-se o Corcovado e tudo parava no final da tarde para sorvete e guloseimas. No banheiro tinha um pequeno nicho a São Jorge, Iemanjá, Buda e Shiva”<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> Antônio do Amaral Rocha. Disponível em <[www.rollingstone.com.br](http://www.rollingstone.com.br)> Acesso em 15. 09. 09.

<sup>11</sup> Antônio do Amaral Rocha. Disponível em <[www.rollingstone.com.br](http://www.rollingstone.com.br)> Acesso em 15. 09. 09.

<sup>12</sup> Entrevista cedida aos alunos da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <[www.gadernal.org/marcadodiabo](http://www.gadernal.org/marcadodiabo)> Acesso em 12. 09. 09.

<sup>13</sup> Ana Maria Bahiana. Disponível em <[www.oglobo.globo.com.br](http://www.oglobo.globo.com.br)> Acesso em 15. 09. 09.

Fazia parte também da equipe Lapi, diretor gráfico, Mônica Hirst, Marilene Alves da Silva, Carlos Marques, Ana Maria Lobo, Carlos Alberto Sion, Sheila Shelders, Okky de Souza, Joel Macedo, Jorge Mautner e Ezequiel Neves, conhecido também como Zeca Jagger. Este último ficou famoso pelas críticas sobre rock e, como afirma Ana Maria Bahiana, “nenhuma banda local era obscura demais, nenhum guitarrista principiante demais para merecer sua mais devota atenção”<sup>14</sup>. A revista *Rolling Stone*, de acordo com Luiz Carlos Maciel, era ligada, artística e lúcida.

Naquela época, a revista também não tratava apenas de música, embora mais da metade tenha sido dedicada exclusivamente ao rock, a sensação do momento. Tinha também textos sobre literatura, psiquiatria e antipsiquiatria, astrologia, zenbudismo, teatro e cinema. A matéria de Carlos Marques pondo a nu o “homem de ouro”, Nelson Duarte – um delegado carioca conhecido por seus esquemas de extorsão – foi um clássico. A edição com Dona Lalá, uma mulher da tradicional família mineira, super moralista e que falava mal de todo mundo, foi um alvoroço. “Um mineiro nervoso com Dona Lalá mandou uma matéria esculhambando com ela, eu publiquei e dei capa. Entravam matérias assim, comportamento da família brasileira, moral brasileira, tiveram várias matérias assim”<sup>15</sup>, relembra Luiz Carlos Maciel.

Segundo Maciel, os donos da revista no Brasil, Mick Killingbeck e os amigos Stephen Banks, Stephane Gilles e Theodore George, não gostavam de pagar bem, principalmente os colaboradores. O jeito era conseguir matérias na base da amizade. “O Jorge Mautner aparecia na redação para visitar, muita gente aparecia lá, virou um *point*. Aí eu dizia ‘senta aí, Mautner, escreve uma matéria’ e ele, ‘escrever sobre o quê?’, e eu dizia, ‘Roberto Carlos’. Aí ele fazia. Eu conseguia as matérias assim, na base da amizade, conversando com as pessoas”<sup>16</sup>, explica Luiz Carlos Maciel.

Como San Francisco, Califórnia, era o centro da contracultura, Luiz Carlos Maciel tinha um correspondente especial, um amigo que estudava em Berkeley e mandava regularmente material com novidades do rock’n’roll e sobre o movimento *hippie*.

---

<sup>14</sup> Ana Maria Bahiana. Disponível em <www.oglobo.globo.com.br> Acesso em 15. 09. 09.

<sup>15</sup> Entrevista cedida aos alunos da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <www.gadernal.org.marcadodiabo> Acesso em 12. 09. 09.

<sup>16</sup> Entrevista cedida aos alunos da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <www.gadernal.org.marcadodiabo> Acesso em 12. 09. 09.

Perguntado sobre o que acha da atual publicação da *Rolling Stone*, ele é enfático ao afirmar que a revista perdeu completamente o perfil rebelde que tinha durante o movimento da contracultura, na década de 1970. “Careta, comercial e alienada”<sup>17</sup>, esta é a opinião dele.

Para ele, essa mudança na revista norte-americana ficou nítida entre o fim dos anos 1980 e início da década de 1990. No Brasil, desde o início, ou seja, desde 2006. De acordo com Luiz Carlos Maciel, a *Rolling Stone* atual não lembra em nada a revista que tratava de rock e contracultura, tornou-se uma revista alienada, que não instiga o leitor, não provoca debate nem polêmica dentro da sociedade.

Ezequiel Neves diz que na *Rolling Stone* ele tinha liberdade total. Escrevia o que queria. Mostrava como o rock era libertário fora do Brasil e deixava claro que a situação no país não estava boa. Era a época do governo militar. Ele lembra também que por falta de anunciantes na revista, o salário era ruim e muitas vezes chegou a passar um dia inteiro apenas com um cachorro-quente. Ana Maria Bahiana diz que dentro da redação tinha aula prática de rock’n’roll.

Com os depoimentos de quem trabalhou na *Rolling Stone* do início da década de 1970, percebe-se que havia muito mais vontade de fazer um trabalho diferente e *underground*. Não era apenas por dinheiro, havia sentimento. Vontade de mostrar os movimentos culturais, mexer com o moralismo da sociedade e se divertir com o trabalho.

Ana Maria Bahiana descreve como foi o fechamento da revista *Rolling Stone* no Brasil: “O último disco que recebemos foi *Acabou chorare*, dos Novos Baianos, Lembro dos janelões finalmente abertos, um poente lindo de começo de verão entrando por cima das copas das amendoeiras, o disco rodando na vitrola do Zeca. Todo mundo ouvindo os Novos Baianos dizerem que tudo ia ficar lindo, a gente sabendo que a revista estava condenada e Zeca dizendo: ‘Mas garotinhos, vai ser um verão demais!’”. Ela completa: “Foi mais do que o primeiro ano do resto da minha vida. Foi o primeiro ano completamente feliz da minha vida”<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Entrevista cedida por e-mail para a autora deste trabalho..

<sup>18</sup> Ana Maria Bahiana. Disponível em <[www.oglobo.globo.com.br](http://www.oglobo.globo.com.br)> Acesso em 15. 09. 09.



### **3. Propagandas x matérias de qualidade**

#### **3.1. Capitalismo sobressai nas edições da *Rolling Stone***

O combate à sociedade de consumo e ao capitalismo selvagem eram alguns dos principais lemas da contracultura. Na época, jovens hippies gostavam de se vestir de maneira confortável, com roupas largas e coloridas. Usavam acessórios feitos de maneira artesanal, coloridos e extravagantes. Os mais roqueiros gostavam de roupas surradas, que demonstravam estilo mais largado. Estas tendências podiam ser vistas na *Rolling Stone*, que consagrava Jimmy Hendrix, Janis Joplin, Bob Dylan, Rolling Stones e The Who.

Atualmente, o que se encontra na *Rolling Stone* é algo bem diferente. A revista contém inúmeras propagandas de roupas de marca, celulares e carros importados. O que bate de frente com todo discurso que pregava durante a contracultura e o perfil rebelde e underground da revista. Na edição número 32, de maio de 2009, em um total de 118 páginas, em 51 havia espaço reservado para publicidade.

Além das inúmeras páginas de propaganda, a coluna 'Estilo' deixa nítido que a visão da revista mudou. Nesta seção, celebridades da música, da televisão e do cinema falam sobre o modo de se vestirem. Uma propaganda clara das grandes marcas de roupas, pois ao mesmo tempo em que mostram o estilo de cada artista, também fazem de forma indireta a propaganda de roupas e acessórios de lojas de grife, com preços absurdos. Entre as marcas estão Fórum, Colcci, Cavaleira, Diesel, Mercearia, Dzarm, Vogue e Ralph Lauren. A atriz Vanessa Giacomini, a apresentadora Carla Lamarca, a DJ Vivi Seixas e o ator Kaiky Brito são algumas celebridades que estamparam a seção.

Dentro da coluna há espaço para 'O que não pode faltar', no qual são expostos produtos, que de acordo com a revista, o leitor não pode deixar de ter. No geral, são acessórios como a carteira da Zeferino por R\$ 442 um vestido da Graça Ottoni de R\$ 1.324 e uma bota da Ellus cujo valor é R\$ 1.225.

Para completar, existe a coluna 'Consumo', em que aparelhos eletrônicos, óculos escuros, perfumes, jóias, maquiagens e enfeites para casa são colocados como produtos indispensáveis para os leitores.

### 3.2. Homenagem equivocada

Banksy é um grafiteiro, pintor, escultor e guerrilheiro inglês. Atualmente, é um dos mais conhecidos artistas de rua do mundo. Os trabalhos dele em estêncil<sup>19</sup> são facilmente encontrados nas ruas de Londres, Inglaterra. Apesar da fama, ninguém sabe ao certo a verdadeira identidade de Banksy. Ele não costuma dar entrevistas e aparecer em público.

Iniciou a carreira artística aos 14 anos, mesma época em que foi expulso da escola e passou a cometer pequenos delitos. Em 2005, trocou 500 CD's da rica e aspirante à cantora Paris Hilton por cópias adulteradas em lojas de Londres. Em cada cópia escreveu: "Cada CD que você compra, me coloca mais distante de você"<sup>20</sup>. Colocou em um parque de diversões da Disney uma estátua-réplica de um prisioneiro da prisão de Guantánamo, onde está a base naval dos Estados Unidos em Cuba. Banksy fez também pinturas no muro que separa Palestina e Israel.

As obras de Banksy são carregadas de conteúdo social, expõem total aversão aos conceitos de autoridade e poder. Em telas e murais, faz críticas sociais, mas também comportamentais e políticas, de forma agressiva e sarcástica. Apesar das obras dele provocarem de início riso no observador, elas também criam uma sensação de identidade, pois são críticas à maneira de pensar e agir das pessoas.

Quando as obras passaram a valer muito dinheiro, Banksy as disponibilizou gratuitamente em uma página da internet em variados tamanhos para impressão, em um link ironicamente chamado de *shop*, loja em português. No entanto, isto não impediu que elas fossem impressas e vendidas por oportunistas.

A edição número 36 da *Rolling Stone*, de setembro de 2009, trazia uma nova seção: a *Rolling Stone Fashion Pages*, assim em inglês mesmo. Para inaugurar o espaço, fizeram uma homenagem ao artista Banksy. No entanto, de maneira inusitada e contrária ao que ele prega. Nas cinco páginas dedicadas à obra de Banksy é feita uma releitura de alguns grafites. Jovens modelos assumem os lugares dos personagens dos trabalhos de Banksy e criam imagens semelhantes às feitas pelo artista. Assim como o grafite em que um homem joga um buquê de flores, no ensaio da revista, um modelo simula a mesma cena.

---

<sup>19</sup> Desenho ou ilustração que representa um número, letra, símbolo tipográfico ou qualquer outra forma ou imagem, figurativa ou abstrata, que possa ser delineada por corte ou perfuração em papel, papelão, plástico, radiografia, metal ou em outros materiais.

<sup>20</sup> Pablo Paes. Disponível em <[www.revistaconfaria.com](http://www.revistaconfaria.com)> Acesso em 09.11.09.

Apesar de divulgar o trabalho de Banksy e torná-lo mais conhecido, a homenagem também é uma propaganda das grandes roupas de marca. Em todas as fotos, os modelos vestem Colcci, Cavallera e Diesel.

### **3.3. Matérias de qualidade**

Um dos pontos positivos da revista *Rolling Stone* são as reportagens, mas é evidente também que as chamadas de capa são totalmente comerciais. Astros como Brad Pitt, Jonas Brothers, Lady Gaga e Michael Jackson estampam as edições norte-americanas e no Brasil, a nova *sex symbol* brasileira Fernanda Machado, o popular Fausto Silva e a pobre menina que virou a namoradinha do Brasil, Graziela Massafera, são destaques na revista. Uma demonstração do capitalismo, afinal, em primeiro lugar a intenção é vender.

O dono e publisher da *Rolling Stone*, Jann Wenner, nunca escondeu que a revista é um grande empreendimento, um negócio. Como foi dito no capítulo anterior, Jann Wenner viu na contracultura uma oportunidade para dar espaço a artistas que faziam sucesso entre os jovens, mas não tinham oportunidades no meio de comunicação mais influentes. A intenção dele não era apenas promover estes novos artistas, mas também ganhar dinheiro e ter a própria empresa.

No entanto, mesmo carregada de propagandas de marcas famosas de roupas, acessórios e aparelhos eletrônicos, a *Rolling Stone* mantém um padrão de qualidade nas reportagens. Os temas são variados, grande parte sobre música, claro. Mas há também matérias sobre cinema, quadrinhos, videogames, política e curiosidades do mundo da música. Nas matérias maiores, os jornalistas têm bastante espaço para escrever e colocar fotos, infográficos e tabelas, o que deixa a reportagem, que têm em média cinco páginas, mais interessantes.

Na edição 29, de fevereiro de 2009, a *Rolling Stone* trouxe uma entrevista de Mark Binelli, traduzida da versão norte-americana, com o astro de cinema Brad Pitt. Em sete páginas, recheadas de fotos bem trabalhadas, o leitor fica sabendo sobre a carreira e a vida pessoal do ator. No entanto, com a matéria é possível aprender um pouco sobre cinema e literatura. É uma entrevista com embasamento, o jornalista faz perguntas contundentes e demonstra ter bagagem sobre cinema. O foco da entrevista a princípio é a divulgação do filme *O curioso caso de Benjamin Button*, mas ao longo das sete páginas o leitor pode lembrar filmes como *Inimigo Íntimo*, 1997, *Os sete crimes capitais*, 1995, *Onze homens e um segredo*, 2001, e conhecidos como *Forrest Gump*, o contador de histórias, 1994, *Clube da Luta*, 1999, e *Babel*, 1996.

No mês seguinte, foi publicada na edição 30 uma matéria especial sobre o cantor norte-americano, nascido em Lubbock, Texas, Buddy Holly. Em uma narrativa detalhada, o repórter Jonathan Cott descreve como foram os momentos antes da queda do avião em que o cantor viajava. O texto relata a turnê que Buddy Holly fazia pelos Estados Unidos e a decisão dele de não viajar de ônibus naquele fatídico 3 de fevereiro de 1959. De acordo com a reportagem, o cantor estava cansado de pegar a estrada e resolveu viajar de avião. Meia hora após decolar, a aeronave vermelha Beechcraft caiu em meio a neve que caía em Clear Lake. Além de Buddy Holly, Ritchie Valens, J.P. Richardson e integrantes da banda também morreram. A matéria de Jonathan Cott mostra que Bob Dylan e Paul McCartney eram fãs de Buddy Holly. Paul McCartney diz que o cantor foi uma grande influência para os Beatles. E Bob Dylan afirma que ficou encantado com a performance de Buddy Holly em um show que assistiu em 1959.

Este é um exemplo das várias matérias sobre celebridades importantes da música. Kurt Cobain, Michael Jackson, U2, Marvin Gaye e Beatles são alguns dos artistas que tiveram matérias especiais na *Rolling Stone*.

Na seção Política Nacional, em abril de 2009, na edição 31, as repórteres Andréa Jubé e Carol Pires escreveram sobre o retorno de Fernando Collor à política, a Fênix de Alagoas, como elas os chamam. Ao longo de três páginas são lembradas histórias do passado político de Fernando Collor, entre elas, claro, o impeachment de 1992. A matéria cita também os novos episódios políticos que o então senador pelo PTB de Alagoas participou. Como a discussão com a também senadora Ideli Salvati, do PT de Santa Catarina. Episódio no qual ele foi acusado de chamá-la de galinha ao falar que ela “congrega, reúne, cisca para dentro”<sup>21</sup>. Segundo ele, uma expressão comum no Nordeste. Dados como o número de licenças parlamentares tiradas por Collor, duas, que totalizaram oito meses fora do Congresso Nacional, e as aspirações políticas dele também foram mostradas.

Para manter a linha de crítica e polêmica da revista, o jornalista Maurício Monteiro Filho escreveu na edição 32 da *Rolling Stone*, em março deste ano, uma matéria sobre o processo de produção do etanol brasileiro. Embora a capa da revista tenha uma foto sensual da atriz global Fernanda Machado, considerada pela revista uma *sexy symbol*, a edição mostra em cinco páginas o sofrimento das pessoas que trabalham nas lavouras de cana em condições precárias, além de ganharem salário miserável. A matéria relata trabalho escravo em Pernambuco e os crimes ambientais cometidos com apoio de políticos locais. Sem medo

---

<sup>21</sup> Andrea Jubé e Carol Pires. Revista *Rolling Stone*, edição 31, página 49.

de retaliações, Maurício Monteiro Filho cita nomes de pessoas importantes como o empresário Eduardo Queiroz e o deputado federal Armando Queiroz, atualmente também presidente da Confederação Nacional da Indústria. Os dois estão diretamente envolvidos nos esquemas de trabalho escravo na região.

São matérias bem apuradas com textos envolventes e interessantes. Na seção de cartas dos leitores, há sempre comentários positivos sobre as matérias e entrevistas especiais. A *Rolling Stone* ainda mantém esta fama de revista *cult* dos anos 1970, que os jovens gostavam de ler para se inteirar sobre assuntos da música, política e curiosidades do mundo alternativo.

Em artigo escrito para o blog Entropia Cultural, o jornalista Giul Martins demonstra insatisfação exatamente com esta confusão da revista, que ao mesmo tempo em que prioriza assuntos importantes para as matérias consagra celebridades que simplesmente têm o poder de vendagem. No texto, Giul Martins destaca a edição número 21 da *Rolling Stone*, na qual traz os jovens da banda NX Zero nus, uma paródia da capa feita com a banda Red Hot Chili Peppers na década de 1990. Na época, a banda fazia sucesso com o CD *Blood Sugar Sex Magic* e geralmente se apresentavam de cuecas ou até mesmo nus. A *Rolling Stone* decidiu então colocar os integrantes nus na capa, fato relativamente comum para revista, que na década de 1970 fez o mesmo com John Lennon. Para Giul Martins, o problema não está em copiar uma foto feita alguns anos antes, mas sim a escolha da banda.

De acordo com ele, o corpo editorial da revista optou por colocar na capa um produto midiático como o NX Zero, uma banda adorada por milhares de jovens, que segundo ele, não têm conteúdo cultural. Giul afirma ainda que na escolha das matérias de capa não são levadas em conta os quesitos de noticiabilidade e qualidade de conteúdo. “O leitmotiv da questão é abranger o público e com isso, aumentar a lucratividade.”<sup>22</sup>

No artigo, ele diz também que com estas iniciativas capitalistas a dignidade da revista é deixada de lado. Afinal, há melhor conteúdo no interior da publicação do que é exposto na capa. Ou seja, colocar na capa da *Rolling Stone* Graziela Massafera com os seios à mostra, Megan Fox em trajes provocantes, a banda jovem de sucesso do momento, arranha a imagem da revista. Pois, o que se encontra dentro da publicação é muito mais do que apenas mulheres bonitas e músicos que fazem mais sucesso por conta da beleza e não por talento. Ao abrir a *Rolling Stone* é possível ler matérias interessantes sobre música, com bandas atuais e antigas, cinema, quadrinhos e política.

---

<sup>22</sup> Giul Martins. Disponível em <[www.entropiacultural.wordpress.com](http://www.entropiacultural.wordpress.com)> Acesso em 25. 10. 09.

## CONCLUSÃO

A revista *Rolling Stone* foi criada em 1967, no ápice da contracultura nos Estados Unidos. Artistas como Bob Dylan, Jimmy Hendrix, Janis Joplin e The Beatles faziam sucesso entre os jovens rebeldes que lutavam contra o processo industrial e os padrões ‘quadrados’ das famílias norte-americanas. Era a época da *beatgeneration* e dos irreverentes *hippies*. O conteúdo da *Rolling Stone* era basicamente sobre rock’n’roll, política e novidades da contracultura. A revista tinha perfil de rebelde e contestadora.

No entanto, quando Jann Wenner, criador da revista, decidiu levar a sede da *Rolling Stone* para Nova York, com a intenção de se aproximar das grandes agências de publicidade, algumas mudanças passaram a ser feitas. Jann Wenner contratou Ed Needham, então editor da *For Him Magazine*, *FHM*, revista que sempre coloca na capa jovens celebridades e aborda temas relacionados a sexo e ao mundo pop. Com isso, *top models*, galãs de cinema e celebridades do *showbusiness* passaram a estampar a capa da *Rolling Stone*.

Atualmente, a *Rolling Stone* carrega o rótulo de revista de entretenimento, deixou para trás toda a história de revista que cobria a cena *underground* e provocava polêmicas na sociedade. Como afirma Luiz Carlos Maciel, a *Rolling Stone* tornou-se careta e alienada.

Seções como ‘Consumo’, ‘Estilo’ e ‘*Rolling Stone Fashion Pages*’, deixam nítido que a visão da revista agora é outra. Com inúmeras propagandas de roupas e aparelhos eletrônicos, capas com celebridades sensuais como Graziela Massafera e Megan Fox, matérias com Jonas Brothers, Britney Spears e Fausto Silva mostram que não há mais o interesse de polemizar e contestar. O importante é colocar na revista o sucesso do momento.

No entanto, apesar dessas mudanças a revista ainda mantém qualidade nas matérias. Os textos são bem elaborados e apesar de grandes, geralmente com cinco páginas, são interessantes. Mesmo sem tratar de música, ‘Conexão Brasilis’ é a seção mais comentada pelos leitores, pois os repórteres retratam de maneira clara assuntos interessantes como a vida de comunidades ribeirinhas do Norte do Brasil e a cultura de pessoas que vivem em lugares quase inacessíveis.

## BIBLIOGRAFIA

### Livros:

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. São Paulo: Editora Vozes, 2004.

BELEZZI, Clenir. *Arte Literária Brasileira*. São Paulo: Editora Moderna, 2000

### Internet

BAHIANA, Ana Maria. *Aulas de jornalismo rock*. Disponível em  
<<http://www.screamyell.com.br/secoes/rollingstoone.html>> Acessado em 05/10/2009

FREEDMAN, Samuel G. *Literary 'Rolling Stone' sells out to male titillation*. Disponível em  
<[http://www.samueelfreedman.com/articles/culture/ust\\_rolling.html](http://www.samueelfreedman.com/articles/culture/ust_rolling.html)> Acessado em  
08/09/2009.

JÚNIOR, Arnaldo Nogueira. *Os prazeres da psicanálise*. Disponível em  
<[http://www.releituras.com/lcmaciel\\_menu.asp](http://www.releituras.com/lcmaciel_menu.asp)> Acessado em 25/10/2009.

MARTINS, Giul. *Rolling Stone Brasil não tinha concorrentes até a última edição*. Disponível em  
<<http://entropiacultural.wordpress.com/tag/revista-rolling-stone/>> Acessado em 25/10/2009.

MONTE, Luciana. *Rolling Stone no Brasil*. Disponível em<<http://diadefolga.com/rolling-stone-no-brasil/>> Acessado em 11/10/2009.

PINTO, Rodrigo. *Rolling Stone brasileira: pirata e descobridora de talentos*. Disponível em  
<<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2006/08/21/285351313.asp>> Acessado em 10/10/2009.

ROCHA, Antônio do Amaral. *A primeira versão*. Disponível em  
<<http://www.rollingstone.com.br/edicoes/1/textos/a-primeira-versao/>> Acessado em  
15/10/2009.

ROCHA, Gabriel. *“Imprensa alternativa? Isso existe hoje?”*. Disponível em  
<<http://www.gardenal.org/marcadiabo/materias05.htm>> Acessado em 12/09/2009.

SANTANA, Tarcísio. *Lester Bangs (1948 – 1982)*. Disponível em  
<<http://buenasrocks.blogspot.com/2008/04/lester-bangs-1948-1982.html>> Acessado em  
15/09/2009.

SORRETINO, Pedro. *O crítico viciado, polêmico, sintético ecoa na alma roqueira*. Disponível em  
<<http://whiplash.net/materias/biografias/053950-lesterbangs.html>> Acessado em 15/09/2009.

SMITH, Sebastian. *Woodstock foi o fim da contracultura*.  
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u608039.shtml>> Acessado em  
10/10/2009.

WEIR, David. *Wenner's world*. Disponível em  
<<http://www.salon.com/people/bc/1999/04/20/wenner/>> Acessado em 08/09/2009.

<[www.anamariabahiana.blog.uol.com.br](http://www.anamariabahiana.blog.uol.com.br)> Acessado em 11/10/2009.

<[www.banksy.co.uk](http://www.banksy.co.uk)> Acessado em 27/10/2009.

<[www.jannswenner.com/](http://www.jannswenner.com/)> Acessado em 08/09/2009.

<[www.mundoeducacao.com.br](http://www.mundoeducacao.com.br)> Acessado em 25/10/2009.

<[www.mundodasmarcas.blogspot.com](http://www.mundodasmarcas.blogspot.com)> Acessado em 28/10/2009.

<[www.rollingstone.com](http://www.rollingstone.com)> Acessado 20/09/2009.

<[www.rollingstone.com.br](http://www.rollingstone.com.br)> Acessado em 20/09/2009.

<[www.suapesquisa.com](http://www.suapesquisa.com)> Acessado em 15/10/2009.





Primeira capa da revista Rolling Stone lançada em 9 de novembro de 1967 com John Lennon

Revista Rolling Stone – Versão norte-americana – 9 de novembro de 1967

# ROLLING STONE

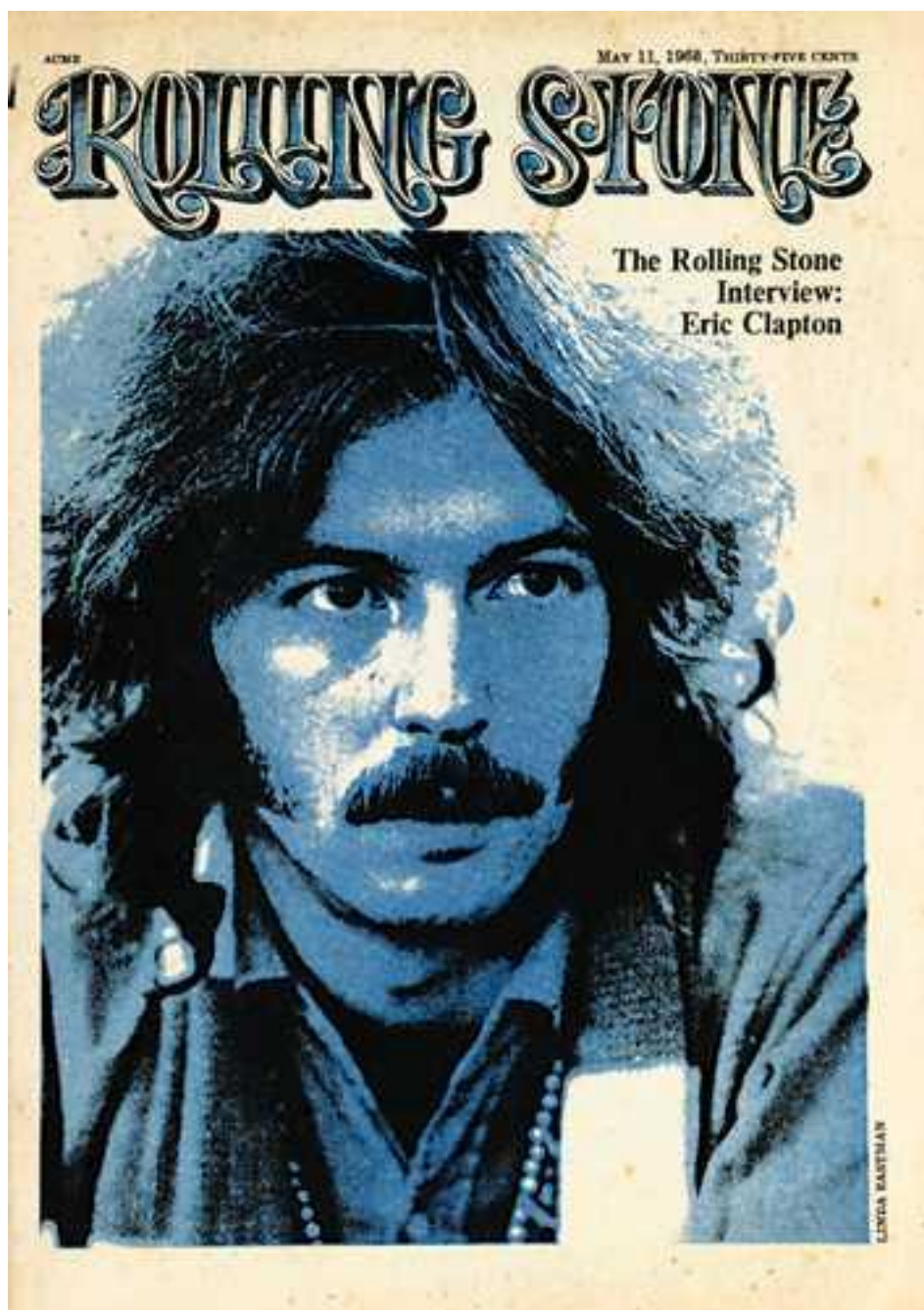
ADULT APRIL 27, 1967 VOLUME 1, No. 9. THIRTY-FIVE CENTS

**CLAPTON BUSTED; KMPX STRIKE**

Beatles' Battle The Blue Meanies



Revista Rolling Stone - Versão norte-americana – abril de 1967



Revista Rolling Stone – versão norte-americana – Maio de 1968



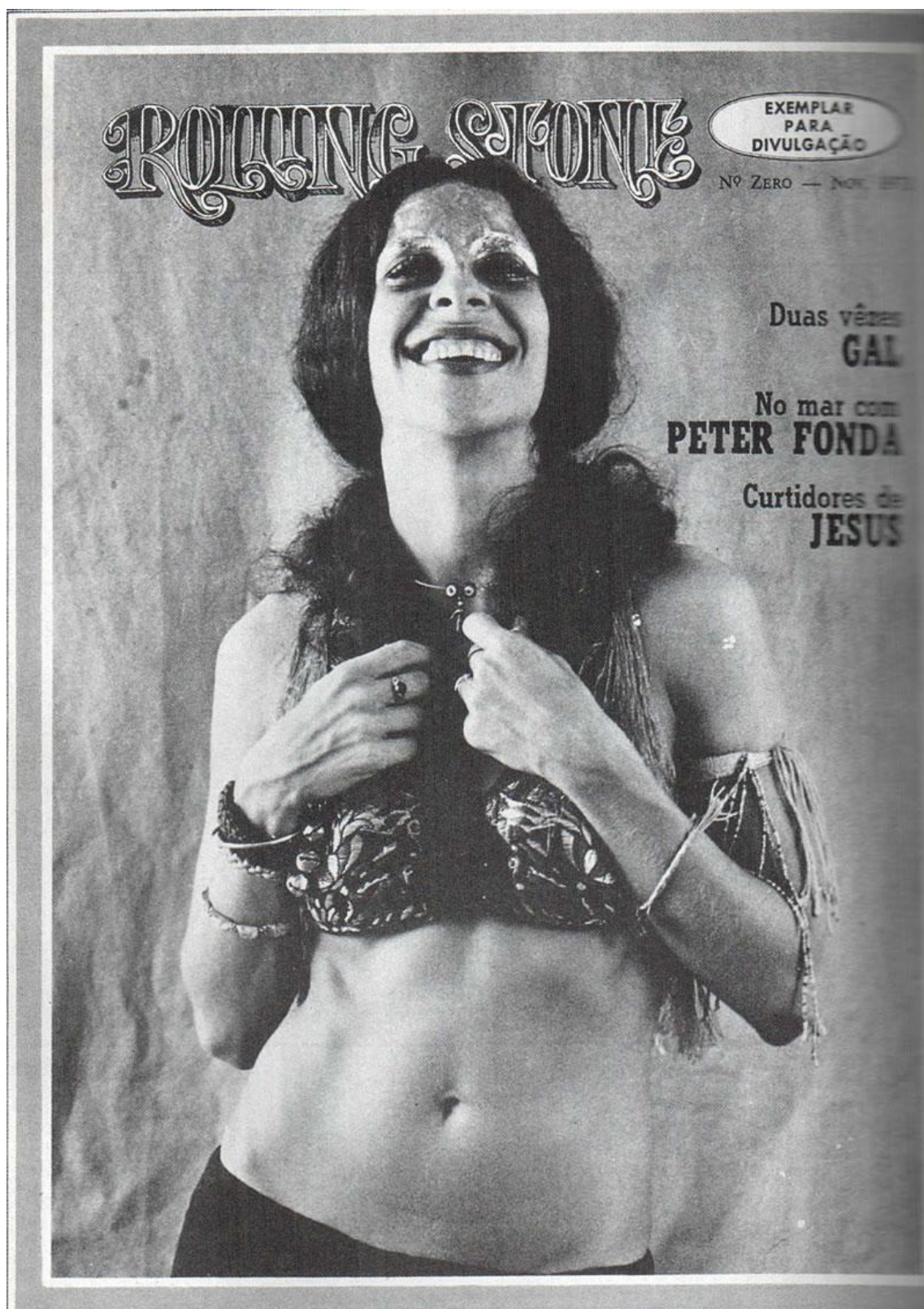


Revista Rolling Stone – versão brasileira – Novembro de 2006



Revista Rolling Stone – Versão norte-americana – Julho de 2009





Revista Rolling Stone – Versão brasileira – Novembro de 1972

